Magnífica Reitora do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia da Bahia, (permita-me chamá-la de camarada) professora Luzia de Matos Mota, Digníssimo Aleilton Fonseca, presidente da Academia de Letras da Bahia, Professor Dr Rui Carlos Mota e demais componentes dessa Mesa.

Agradeço muito honrado, ao Conselho Superior (CONSUP) deste secular instituto, que já foi chamado de Escola de Artífices, ficou conhecida como a Escola do Mingau, passando pela Escola Técnica Federal da Bahia, pelo CEFET e hoje se chama IFBA, que muito orgulha quem nele estuda ou trabalha e que generosamente me concedeu, por solicitação do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (CONSEPE), o título de Doutor *Honoris Causa*.

O IFBA, grande instituição pública de ensino, pesquisa e extensão, traz em sua história a consolidação do conhecimento científico aliado à forte presença no âmbito das artes. Falo dessas especificidades, pois a conheci de perto e através de diversos companheiros (as) e camaradas que por aqui passaram, pude palmilhar também as suas veredas.

O título de Doutor Honoris Causa tem, para mim, a dimensão de um reconhecimento da minha inserção no âmbito das culturas, seja ela da música, da poesia, do teatro; seja como ativista e gestor cultural dedicado à cultura da minha terra – Bahia – e, mais extensivamente, um apaixonado pelo Brasil, notável país da América por quem “soy loco”.

Neto de um caboclo de origem indígena e de uma mulher negra, filha de escravizados, este legítimo mestiço, que aqui está, recebe, comovido, o título de Doutor Honoris Causa.

Confesso, aqui, que desde os anos 1960, ainda na UFBA descobri grande importância em minhas atividades criativas o papel da Ciência e das Tecnologias para o desenvolvimento humanístico e de um mundo melhor e igualitário. Na Escola de Direito, comecei a minha militância política no Centro Popular de Cultura, ligado à União Nacional de Estudantes – UNE. Foi um momento rico de minha relação com a poesia, até então sem compromissos de natureza política. Nessa época, desenvolvi o interesse formal e conceitual a partir do meu contato com a obra de João Cabral de Mello Neto e dos poetas de vanguarda do movimento modernista de 1922. Ainda no CPC, aconteceu a minha primeira parceria com Antônio José, depois conhecido como Tom Zé, que musicou a peça “Bumba Meu Boi”.

Enquanto cursava Direito, eu frequentei a Escola de Teatro e fui aluno de Luiz Carlos Maciel, que, voltava de uma bolsa nos Estados Unidos, e me apresentou aos beats americanos, tendo me convidado para fazer o papel de Severino em sua montagem de “Morte e Vida Severina”. Minha inclinação, no entanto, era a poesia e, assim, declinei do papel ,preferindo ficar no Centro Popular de Cultura da –CPC da UNE..

A crise política se avolumava no país. Ao sair de um cinema na Praça da Sé, na noite de 31 de março de 1964, percebi a agitação provocada pela notícia de que os militares marchavam no Rio de Janeiro para derrubar o presidente João Goulart. Eles reagiam ao projeto de reformas de base, que abrangia a reforma agrária.

Com a virada autoritária, iniciou-se um novo ciclo em meu trabalho, com mais radicalização da função do poeta e da poesia. Assim, em 1964, por conta de minha militância política na Bahia, fui para São Paulo e publiquei, de forma clandestina, “Inquisitorial” (1966), um livro de grande importância e impacto de minha atividade poética.

No eixo São Paulo/Rio, dei início a outro momento de minha vida, que culminou com a vitória de “Ponteio” no Festival da Record de 1967, em parceria com Edu Lobo. Esse referido Festival teve grande importância, revelando expressivos nomes que ocupariam o panteão da música popular brasileira, a exemplo de Chico Buarque, Gilberto Gil e Caetano Veloso, todos fraternos companheiros. A vitória de “Ponteio” deu visibilidade ao meu trabalho e aconteceram grandes parcerias, entre elas as de Paulinho da Viola e Jards Macalé.

Sei que algumas de minhas composições com Gil foram precursoras do que seria considerado o movimento tropicalista, entre elas “Soy loco por ti, América”. No tropicalismo, algumas de minhas letras foram respostas às críticas contra os baianos, acusados, à época, de traição à música popular, uma vez que estavam incorporando a guitarra elétrica (uma nova tecnologia) nos arranjos musicais, pois que a ideia de que há uma música nacional sem influência estrangeira me parecia um tanto equivocada.

Depois dos anos 60, procurei integrar minha obra a um humanismo radical, à ideia de um homem universal,

Ao procurar conferir um fio narrativo dos meus caminhos no campo das artes e da educação, valho-me da memória para recordar o meu interesse pelas artes, sobretudo aquela da composição poética, seja com a poesia escrita ou aquela musicada, desde:

A barriga de minha mãe que me lembra um velho baobá/ Umbigos do mundo, Ela e seu Osmundo.

Que pensará meu pai de mim agora? Que pensaria meu pai a me ver chorar nesta cerimônia? Que pensaria minha mãe me vendo abraçar e beijar tanta gente? Que pensam meus filhos? Eu, um exilado de Pedras, lugar de meu nascimento.

Desde sempre, a trovoada tocava no céu/ o meu pandeiro tocava nos mares/ meu caboclo veio no raio de lua/ eu saravei a luz do trovão/ e ouvi o clarão iluminar.

Nas veredas por onde passei, tentei entender a fúria dos tempos ao arregimentar marinheiros nos portos do mundo inteiro para me fazer companhia no sonho de atravessar o estreito em direção aos novos tempos, conhecendo as estrelas que iluminam a terra, navegando na utopia humana.

Ah! Poetas de Pasárgadas, São Saruê e outras pátrias da amizade e do mel. Eu ainda sinto o fogo de suas palavras e guardo a bússola quebrada, sem os ponteiros dos polos. A internet é muito mais revolta que os oceanos que nos afogaram, e, eu, um lírico, talvez às avessas, sabe que a lírica é assim besta lua sobre as ondas, que me faz navegar à foz do existir em mar único. Eu, um vagabundo, tiro do bolso imundo um mapa-múndi.

E eu pergunto a Ifá, em qual amanhã assim distante ficará o extremo ponto dos poderosos de ontem hoje perpetuados nesse horizonte sem horizonte?

Confesso, aqui, que eu sei de mim, como nenhum menino sabe de si mesmo e te salvo da sombra de todos os espelhos, Narciso.

Nesse saber de mim, fui seduzido pela palavra, o meu orixá. E chega o poema como num transe. É um poema, como eu poderia baixar os olhos e chorar... um poema da hora primordial de onde partiram os trovadores. É um poema pelos homens, é um poema pelo que passa, é um poema pelos que virão. E a minha juventude, que insiste e resiste, se fecha atrás de um refúgio de um poema.

Assim, queridas e queridos amigos, eu, poeta, faço poemas como quem ganha: olhos em elmos, face tranquila. Da dor, do mundo, da guerra, no desespero de sua possibilidade, construo meu corpo entre berro e sabre, nasço minha vida ao curso da vida. E repito: O poeta não idealiza. Seu caminho é humano e o caminho não é falso porque a mensagem é luminosa. O poeta não mente, dificulta para revelar a semente quando o verso amadurece como fruto.

Hoje, a falsa idade tem o meu coração/um homem maduro que chegou ao futuro/ sem falsidade e sem traição.

Muito obrigado